



ABPCF

Anais do V Simpósio da ABPCF - Traumas, Tramas e Dramas na Psicanálise de Casal e Família

V SIMPÓSIO

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE PSICANÁLISE DE CASAL E FAMÍLIA

TRAUMAS, TRAMAS E DRAMAS

em Psicanálise de
Casal e Família

23 e 24 de maio 2025 | Fortaleza, CE

Local: Hotel Mareiro Fortaleza. Av. Beira Mar, 2380
Meireles, Fortaleza-CE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Simpósio da ABPCF (5. : 2025 : Fortaleza, CE)
Anais do V Simpósio da ABPCF [livro eletrônico] :
traumas, tramas e dramas na psicanálise de casal e
família / organização Maíra Bonafé Sei. --
São Paulo : Associação Brasileira de Psicanálise
de Casal e Família, 2025.

PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-54107-02-4

1. Psicanálise - Congressos I. Sei, Maíra Bonafé.
II. Título.

25-277914

CDD-150.195

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicanálise 150.195

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

O conteúdo dos capítulos é de responsabilidade de seus autores.

Editora Associação Brasileira de Psicanálise de Casal e Família
Revisão e organização Maíra Bonafé Sei

Sumário

Comissões	1
Comissão Local.....	2
Comissão Organizadora	2
Programação	3
Programação.....	4
Apresentação	8
Palavras iniciais	9
Palestra	10
Novas perspectivas na análise de configurações vinculares: transformações e mutações.....	11
Minicurso	23
Tramas e dramas no processo de adoção	24
Oficinas.....	25
Bambu – vivência Winnicott: o entre.....	26
Oficina de “Técnicas Mediadoras”.....	27
Trabalhos apresentados	28
A dinâmica conjugal em psicoterapia: reflexões sobre um relato clínico	29
A presença simbólica dos mortos nas tramas familiares após perdas trágicas	30
A transgeracionalidade não-percebida de violência verbal e física em um contexto familiar.....	31
A Vertigem da Diferenciação: Efeitos da Terapia Familiar sob a Ótica Psicanalítica	32
A violência contra a mulher no espaço psíquico do relacionamento conjugal .	33
Acidente aéreo e luto: tramas familiares após quatro décadas.....	34
Adesivamento em tempos primordiais: causas e rotas no destino das mulheres	35
As tramas de um amor perfeito	36
Crianças migrantes do Sul Global para o Brasil: rupturas, vínculos e interculturalidade	37
Diante do medo do mundo, uma convocação à vida: uma escuta familiar	38
Dois corpos e uma mãe: voluntariado em catástrofe climática - caso clínico ..	39

Dramas da família confrontada com a morte. O que pode o psicanalista?	40
Dramas familiares e o uso de recursos mediadores: proposições para as entrevistas iniciais	41
Dramas familiares e práticas violentas: FIV e seus atravessamentos no corpo feminino.....	42
Escuta de uma família imigrante diante do diagnóstico de autismo do filho	43
Família nos meandros da loucura: experiência em uma instituição de saúde mental	44
Feminilidades, Vínculos e Sofrimento Psíquico: uma Análise de “The Nightbich”, de Rachel Yoder.....	45
Il denaro ha tutti i sapori... O dinheiro tem todos os sabores... ..	46
Laços, rupturas, fissuras: cicatrizes de um casamento	47
Mitos e segredos na família	48
Mulheres vítimas de violências. O relato da terapia familiar (mãe e filha) e reflexões	49
O analista e sua presença enquanto ferramenta na terapia de casal e família .	50
O Rio Grande do Sul não será mais o mesmo	51
Os pactos denegativos nas famílias com vivências de violência sexual.....	52
Percepção dos pais sobre a saúde mental dos filhos na pandemia.....	53
Repercussões da Pandemia nas relações familiares: um olhar sobre a psicoterapia de família	54
Ruído do Silêncio: para além do não-dito	55
Transmissão Psíquica Transgeracional e a Herança de uma Feminilidade Subserviente: Um Estudo de Caso Clínico.....	56
Trauma, transgeracionalidade e o que resta das famílias operárias da Vila São José	57
Traumas e dramas na família: reflexões sobre processos com alegações de alienação parental.....	58
Uma discussão psicanalítica sobre a função porta-crypta e suas ressonâncias na conjugalidade.....	59
Vínculos fraternos e trama fantasmática nos processos de sucessão.....	60

Comissões

Comissão Local

Ana Cassia Fruett

Andrea Senna

Antonia Ionesia Araujo do Amaral

Carolina Cunha Bezerra

Inês Benevides de Castro Barbosa

Maria de Fátima Araujo

Tatiana Tostes

Comissão Organizadora

Ana Cassia Fruett

Ana Rosa Chait Trachtenberg

Flavia Costa Strauch

Gislaine Varela Mayo de Dominicis

Maíra Bonafé Sei

Renata Gonçalves Kerbauy

Programação

Programação

SEXTA FEIRA - 13h às 18h

● MESAS SIMULTÂNEAS

13h às 14h30 Temas livres – 3 mesas

14h30 às 16h Temas livres – 3 mesas

16h ● INTERVALO

16h30 às 18h ● OFICINAS SIMULTÂNEAS:

1 - Oficina: Técnicas mediadoras

Gislaine Varela Mayo De Dominicis (SP)

2 - Oficina: O “Entre”

Mauro Hegenberg (SP)

● **3 - Minicurso: Tramas e dramas no processo de adoção**

Isabel Cristina Gomes (SP) –
coordenação: Maíra Bonafé Sei(PR)

SEXTA FEIRA - 18h30 às 20h30

18h30
às 19h15

Abertura

Ana Rosa Trachtenberg (RS)
Maíra Bonafé Sei (PR)
Maria Inês Assumpção (SP)

19h15
às 20h15

CONFERÊNCIA DE ABERTURA

Silvia Gomel (Buenos Aires)
convidada internacional

20h15
às 20h45

Discussão

Coordenação: Ana Cássia Fruett (CE)

SÁBADO

● MESAS

9h às
10h30

Mesa 1: Traumas e o traumático

Sergio Telles (SP)
Patricia Rivoire Menelli Goldfeld (RS)
Terezinha Féres-Carneiro (RJ)
Coordenação: Gislaine Varela Mayo
De Dominicis (SP)

10h30
às 11h

● INTERVALO

11h às
12h30

Mesa 2 : Tramas – segredos e transmissão

David Levisky (SP)
Ana Rosa Trachtenberg (RS)
Maria Aparecida Nicoletti (SP)
Coordenação: Renata Kerbauy (SP)

12h30
às 14h

● ALMOÇO

SÁBADO

- 14h às 15h30 ● **Mesa 3: Dramas – sexualidades e famílias**
Maria Lúcia Paiva (SP)
Angela Piva (RS)
Sonia Thorstensen (SP)
Coordenação: Maria de Fátima Araujo (CE)
- 15h30 às 16h ● **INTERVALO**
- 16h às 17h30 ● **Mesa 4: Discussão Clínica**
Andrea Seixas Magalhães (RJ)
Ruth Levisky (SP)
Silvia Gomel (Buenos Aires)
Coordenação: Flávia Costa Strauch (RJ)
- 17h30 ● **ENCERRAMENTO E PASSAGEM DA DIRETORIA**
- 20h ● **JANTAR POR ADESÃO - COMEMORAÇÃO**

Apresentação

Palavras iniciais

Ana Rosa Chait Trachtenberg

Ana Cassia Fruett

Flavia Costa Strauch

Gislaine Varela Mayo de Dominicis

Maíra Bonafé Sei

Renata Gonçalves Kerbauy

O V Simpósio da Associação Brasileira de Psicanálise de Casal e Família, realizado entre os dias 23 e 24 de maio de 2025, marcou o final da gestão da Diretoria que assumiu os trabalhos em maio de 2023. Foram anos de muitas ações, com a realização de encontros, oficinas clínicas, palestras, discussões de filmes, buscando dar visibilidade aos trabalhos da ABPCF, dialogando sobre os saberes que permeiam as práticas de um psicanalista de casal e família.

Para pensar sobre a temática que nortearia a organização do V Simpósio da ABPCF e demais ações para o segundo ano da gestão da Diretoria, fez-se um encontro presencial, no mês de abril, na casa da Presidente Ana Rosa Chait Trachtenberg, em terras gaúchas, onde se pôde pensar no tema “Traumas, Tramas e Dramas”. Pouco após nosso retorno, nos vimos face à tragédia ocorrida no Rio Grande do Sul, ressaltando ainda mais a importância da temática elencada para nosso evento. Como resultado, recebemos proposta de temas livres que versavam tanto sobre a enchente no Rio Grande do Sul, quanto acerca de outras vivências coletivas que reverberam em um legado carregado e transmitido às próximas gerações, apontando para o papel que a Psicanálise de Casal e Família pode desempenhar.

A disseminação destas contribuições, por meio da organização dos Anais do V Simpósio da ABPCF, permite que os colegas possam acessar ideias, reflexões, experiências, questionamentos, que permearam nosso evento. Fazemos votos de que tenham uma leitura profícua!

Palestra

Novas perspectivas na análise de configurações vinculares: transformações e mutações¹

Silvia Gomel

Estamos no século 21 e muitas das ideias e conhecimentos adquiridos ao longo de nossas vidas são questionados ou não nos ajudam mais no nosso dia a dia. Estão em crise o pensamento binário, as questões de gênero, os modos de procriação, os modos de estar com os outros, as regras de parentesco, a categoria espaço-tempo, a relação com a natureza e, finalmente, os fundamentos da constituição subjetiva. Vivemos em uma era caracterizada por inovações tecnológicas, espaços virtuais, corpos hibridizados de homens e máquinas. Transformações que, muitas vezes, nos deixam sem palavras e sem rumo.

Nossa forma de abordar o conhecimento, desde a Modernidade, tem se baseado basicamente em ordens antinomianas: sujeito/objeto, acaso/determinação, causa/efeito, entre outras. As antinomias da modernidade implicam binarismos, oposições, centralidades e hierarquias que supõem um caminho único para a construção de um pensamento científico, apoiado em definições conclusivas e universais.

Entre o início e meados do século passado, houve uma crise nesse paradigma que inaugurou outra era. Lembremos que uma época é marcada pela convergência de uma combinação restrita de problemas e perguntas, juntamente com um certo repertório de respostas que é acordado pela maioria daqueles que se consideram do lado da ciência.

Das mudanças históricas e sociais produzidas pelas descobertas científicas e invenções de novas ferramentas, chega um momento em que as formas de enfrentar esses enigmas não podem ser respondidas com as teorias atuais e se produzem saltos qualitativos, verdadeiras crises, que dão origem a outra época e outras realidades.

A crise dos fundamentos epistemológicos do Ocidente implicou a queda do binarismo cartesiano a partir de uma ruptura no modo de produção do mundo e das coisas, o que cria formas inéditas de subjetivação e supõe outras formas de habitar o planeta.

¹ Palestra traduzida por Ana Cassia Fruett e apresentada por Silvia Gomel em 23 de maio de 2025 no V Simpósio da ABPCF – Traumas, tramas e dramas na Psicanálise de Casal e Família. Texto também publicado na Revista de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

Por que falamos de crise? Benasayag usa o conceito de Antropoceno para nomear o período em que a atividade humana modificou a natureza em nível geológico, físico e atmosférico à semelhança de eras geológicas. Mas com uma diferença: aconteceu em apenas dois séculos.

Desde a Revolução Industrial, os seres humanos transformaram o todo material do planeta, especialmente nos últimos cinquenta anos. E é aí que podemos falar da emergência do pensamento da complexidade, que desmonta binarismos para dar origem ao múltiplo e diverso.

Esse pensamento era diferente do positivismo, que instalou a ideia de uma essência imutável da natureza e, portanto, assumiu que as mudanças ocorrem apenas no nível do conhecimento. Mas não é a mesma coisa supor que o mundo permanece imutável e quais mudanças são os modos de abordagem teórica de seu conhecimento, do que aceitar que nosso planeta, o mundo como o conhecíamos, não é mais o mesmo. Coloco neste lugar as questões relacionadas às mudanças ambientais, à irrupção da internet e às novidades nos modos de gênero e procriação.

Durante a Modernidade, uma ideia antropocêntrica foi mantida: o ser humano era o mestre, possuidor de si mesmo e da natureza. Esse modelo de pensamento constrói uma interioridade individual onde a figura do indivíduo como modo único de existência do homem supõe que ele é concebido e interage como se fosse uma mônada separada de seu ambiente e dos outros. O homem, como centro do Universo, entraria em contato com seu ambiente isoladamente.

Outra visão possível indica que o homem está sempre em uma situação e que nenhuma teoria é escrita fora de um contexto. As transformações na materialidade do mundo, - aquecimento global com sua sequência de inundações furiosas, secas sem fim, terremotos, incêndios florestais, pandemias - mudaram o contexto dos vivos. Hoje podemos afirmar que o ser humano, como parte da natureza e pertencente a uma espécie, é constituído por um nó de relações que por sua vez se interliga com outros nós de relações. Em outras palavras, o ser humano faz parte de um tecido de ligação que liga a natureza, os outros e a si mesmo. Por isso, é possível formular uma frase paradoxal: o processo de individuação não é individual, pois é construído e sustentado no coletivo.

Vou agora me deter em algumas antinomias que precisam ser desmanteladas e que são importantes tanto para os desenvolvimentos teóricos quanto para o nosso trabalho clínico.

Corpo/mente

Aqui há, por um lado, uma substância material não pensante e, por outro, uma substância imaterial e pensante. "Penso, logo existo" implicava não apenas uma oposição e uma diferença, mas também uma hierarquização do pensamento sobre o corpo.

A oposição entre corpo/mente deu origem à oposição olhar/toque, que por sua vez se estabelece em outra antinomia: distância/proximidade. O olhar à distância seria o único que promove um conhecimento claro e objetivo, mantendo um sujeito separado do objeto. O conhecimento puro seria então alcançado a partir desse olhar, a salvo das sensações produzidas pela proximidade dos corpos.

Sem dúvida, essas ideias acompanharam a psicanálise desde o seu nascimento. Freud concebeu o dispositivo do divã justamente para produzir privação sensorial, que impediria o fluxo da associação livre, em uma clara desqualificação do sensível. Como podemos abordar nossa tarefa clínica a partir de um pensamento que coloca o sensorial no centro da cena em pé de igualdade com a palavra, e onde as ideias de proximidade e distância são jogadas de maneira diferente a partir de conceituações sobre uma espacialidade e temporalidade relacional? Incluir a ideia de intensidades e cenas na clínica é um primeiro passo nesse caminho. Os dispositivos vinculares são um cenário propício para o surgimento de intensidades afetivas, emanações corporais, jogos de proximidade e distância, o predomínio do olhar. Tramas que falam uma linguagem diferente das palavras, mas dizem a quem sabe ouvir, ver e se deixar afetar.

Masculino/Feminino

O binarismo masculino/feminino, baseado no ideal moderno de heterossexualidade normativa, mostra claramente a infiltração ideológica desses pressupostos hierárquicos. A mulher foi deixada do lado da natureza, do corpo, do enigma. O homem, por outro lado, no lugar da cultura, da mente, do pensamento racional. Certezas que muitas vezes serviram de álibis para situações de submissão e dominação.

Novas formulações localizavam-se mais perto de um devir, mais perto do estar do que do ser. Essa situação é particularmente preocupante para a psicanálise, que tomou como um de seus fundamentos conceituais na constituição subjetiva a suposição de identificação com o pai do mesmo sexo a partir da resolução de um Édipo dito "normal", declarando uma suposta harmonia entre sexo biológico e identidade de gênero, como índice de saúde mental e uma correta estruturação do psiquismo.

Entender o gênero como categoria histórica é uma forma de configurar culturalmente um corpo que está sempre aberto a remodelações. Somos o que

somos, mas também somos o que éramos e o que poderíamos nos tornar. O gênero pode ser colocado como o problema das fronteiras, entre um suposto dentro da psique e um suposto fora da cultura. Vale dizer que o gênero não é apenas um efeito do cultural nem apenas o efeito das peculiaridades da psique.

A disjunção binária também envolveu a questão mãe/pai e, portanto, a função materna/função paterna. Embora a teoria psicanalítica esclareça que as funções não recaem necessariamente sobre o pai ou a mãe reais, essa diferença nem sempre foi levada em consideração nos tratamentos. Ainda existem fortes imaginários epocais sobre os papéis maternos e paternos na parentalidade. Desnecessário afirmar que essas questões têm impacto no trabalho clínico com famílias e casais

Subjetividades/Vínculos

Como eu disse antes, classicamente os sujeitos eram pensados em termos de indivíduos, assim como os vínculos eram visualizados como conectores entre os indivíduos. Atualmente, falamos de subjetividades em devir, sempre entrelaçadas com outras subjetividades, e embora o elemento de partida seja o vínculo, ele não se sobrepõe à singularidade, enquanto a vinculação é desdobramento e produção sempre em excesso e em déficit em relação a cada sujeito.

A simultaneidade de produção do sujeito do inconsciente e do sujeito do grupo fornece uma forma de superação da dicotomia subjetividades-vínculos, que juntamente com a ideia de estados e não de essências, abrem caminho para a formulação do referencial subjetividade-vínculo-cultura. Subjetividades que se configuram como organizações abertas e móveis, que se transformam e geram novas emergências em constante troca com o meio ambiente e com os outros. Não há centro absoluto na identidade e essa multiplicidade de versões constitui precisamente nossa única maneira de habitar o mundo. Propor um espaço relacional nos aproxima de um modo de pensar a clínica fundamentalmente a partir de uma perspectiva vincular, onde privilegiamos apontar as arestas porosas entre dimensões diversas e simultâneas na construção de subjetividades e vínculos.

Natureza/cultura

Quando nos referimos à antinomia natureza/cultura, pensamos classicamente em uma dicotomia que se opõe a uma categoria de existentes, seres humanos que pertencem à cultura, ao resto de existentes, não-humanos, sejam animais, plantas, etc., que pertenceriam à natureza. Mas a partir do momento em que se refere ao ser humano como um simples existente de uma espécie, mesmo que seja humano, a

barreira tradicional da antropologia entre natureza e cultura é apagada, e o humano pode cruzar o limite, mesmo que apenas em parte, e passar do lado da natureza.

Falar em termos de espécie, na psicanálise, é particularmente desaprovado. No entanto, alguns autores, como Zigouris, acham necessário o debate com as neurociências, a biologia e com todos aqueles que estudam a relação do homem com seu ambiente. Essa situação se manifesta plenamente nas questões relativas ao corpo, ao funcionamento dos órgãos, ao que é chamado de corpo para cada cultura. E em nosso campo, isso se encaixa perfeitamente com a questão: como a questão da corporeidade se desenrola no vínculo transferencial?

Vamos, por exemplo, às consultas cada vez mais frequentes de casais trans e à abordagem a este campo clínico. Refiro-me ao trabalho psíquico envolvido na introdução de técnicas que moldam diferentes corpos sobre os corpos clássicos, e que também envolvem novas formas de encontro com o outro e novas formas de sofrimento que precisamos abordar sem preconceitos teóricos, ou seja, sem tentar explicar o que não é conhecido a partir do que já é conhecido.

Como eu disse antes, o ser humano produziu mudanças na natureza que, por sua vez, geram novos modos de constituição subjetiva. Ainda somos os mesmos depois da Covid? O surto de Covid trouxe dramaticamente à tona a impossibilidade de sustentar a ideia de um ser humano autônomo e produziu um sentimento de medo diante da ameaça de uma natureza atravessada pela cultura destrutiva do homem que se voltou contra ele, deixando-o indefeso.

Assumir que pertencemos ao campo vivo e biológico implica reconhecer que cada um de nossos atos está inscrito em uma complexidade que está além do nosso controle. A antinomia natureza/cultura revela o quão cultural é a classificação do que é a natureza, e como esta responde a uma construção sociocultural do Ocidente, uma vez que em outras culturas essa diferenciação exaustiva não ocorre. O termo ecossistema resgata a ideia de interconexão entre o campo da cultura, da biologia e do meio ambiente. É assim que surge o significante "naturcultura", mapeamento da natureza e da cultura como um continuum de conectividade". (Haraway)

Não há ambiente versus humano. As novas realidades, por exemplo, as mudanças climáticas, fazem parte de uma complexidade naturcultural que não podemos modificar caprichosamente. Insisto: o homem não é o senhor da natureza, mas também é, em parte, natureza.

Interrogantes

A psicanálise não poderia ficar imune a essas mudanças. O trabalho clínico nos desafia a descobrir uma nova territorialidade teórica por meio de ferramentas que nos permitem transformar o desconhecido sem reduzi-lo ao que já é conhecido. Uma territorialidade desprovida de fixidez, uma habitação nômade que exclui a ideia de “para sempre”. Novas respostas para novas perguntas. É uma posição em que o horizonte não se limita a um sujeito específico, mas se abre para a naturcultura, para os coletivos, para o relacional, para as questões de gênero e movimentos de poder, para os novos mundos digitais, explodindo a quimera do indivíduo isolado e autossuficiente. Assim, as diferentes perspectivas de vínculo também modificaram o trabalho com os chamados pacientes surpreendentemente individuais.

A perspectiva vincular foi baseada nessas transformações e tomou o pensamento da complexidade como ferramenta. Hoje convido você a pensar a partir de uma perspectiva que vincule o pensamento da complexidade, a psicanálise e os novos conceitos aportados por outras áreas do conhecimento e também no calor do trabalho com vínculos. Enfatizo que são perspectivas, pontos de vista, sem aspiração de construir uma teoria abrangente e homogeneizadora. Partimos sempre de uma parcialidade, de um segmento, e torná-lo visível, mostrar a perspectiva a partir da qual falamos me parece uma posição ética. Considero que toda conceituação é provisória, e responde a uma determinada situação e, por isso, não acredito em generalizações.

O que significa incluir uma perspectiva vincular em nosso trabalho diário? Que efeitos a passagem por uma visão complexa da realidade tem em nossas concepções teóricas? Que consequências tem para o nosso trabalho a descentralização do Complexo de Édipo como fundamento exclusivo da constituição subjetiva? Conjecturar que não temos diante de nós um psiquismo isolado, mas um sujeito imerso em diferentes relações, nos leva a outras formas de abordar a clínica. O ponto de vista intersubjetivo e as teorias sobre o conflito intrassubjetivo são legalidades heterogêneas presentes em cada situação, que se correlacionam e também gozam de relativa autonomia. Paradoxo do um e do múltiplo, eles não são antagônicos, mas agem simultaneamente.

O outro não atua apenas como um objeto interno, mas na interação produz efeitos no psiquismo, além do representacional e além do sensível, como observamos diariamente diante dos casais e famílias que consultam. Trata-se, portanto, de ferramentas teórico-clínicas específicas que complementem a teoria psicanalítica, promovendo uma maior abertura à interdisciplinaridade. A perspectiva do vínculo começou abordando o multipessoal com dispositivos de grupo, família e casal fazendo uso de conceitos nodais da psicanálise clássica e aí encontrou sua riqueza e seus limites. Hoje é imperativo propor novas conceituações, formas inéditas de

lidar com os desafios cotidianos de uma prática diversa, que embora não descartem os achados da psicanálise, também incluem uma releitura delas para limpá-la de centralidades e hierarquias presentes em seus desdobramentos.

Sobre a constituição subjetiva

E quanto à constituição subjetiva nestes tempos? A socialização cada vez mais precoce das crianças e o uso crescente de telas ajudaram a perceber que a família não é a fonte exclusiva de construção do psiquismo. Não agora e antes sim? Na verdade, nunca foi a única variável em jogo, uma vez que a multiplicidade de camadas da subjetividade responde a dimensões heterogêneas. Mas é verdade que a irrupção da Internet no cotidiano ajudou a tornar visível essa questão, mostrando que a influência da família convive no compasso com outras instituições sociais, com a mídia e a tela. Por isso, há muitos autores que sustentam que o homem é mais parecido com seu tempo do que com suas raízes familiares.

Por outro lado, as novidades chocantes no campo digital são uma consequência e, ao mesmo tempo, uma força motriz de transformação e talvez de mutações nas subjetividades e nas formas de encontrar os outros e o mundo. Além disso, junto com os meios de comunicação de massa e algoritmos, eles são responsáveis por relatar a realidade. Atualmente, os fatos não existem se não estiverem nas redes e os falsos fatos são tomados como realidades se estiverem na tela à nossa frente, dando origem a novos conceitos como pós-verdade ou *fake news*.

Uma revolução tecnológica cujo alcance se cristaliza, entre outras coisas, em características distintivas no contato entre sujeitos, nas modalidades de desejo, nas noções de intimidade e privacidade, nas formas de amor, nas modalidades de parentalidade e no próprio conceito de realidade.

A IA nos questiona em lugares que pensávamos serem seguros. Como será o amor entre homem e máquina? Será mais fácil conversar com inteligência artificial do que com outro humano? O que antes parecia ficção científica, especialmente em relação à robótica e à inteligência artificial, agora se tornou uma realidade palpável, levando-nos a múltiplas questões sobre os efeitos na produção de subjetividade em um futuro não muito distante.

O Antropoceno desafia a psicanálise. O que podemos dizer sobre as diversidades na formação de casais e famílias? E de que forma o digital moveu os dispositivos? Como pensar em trabalhar com casais e famílias incluindo uma perspectiva de gênero a partir da diversidade e não da diferença? Como as questões de poder afetam os laços familiares?

Vamos a Édipo. Quando a família era considerada um fato natural, a função filial apareceu como central no advento da subjetividade. Um ponto de vista que implicava hierarquia entre os vínculos, e a convicção de que a chamada personalidade se formava nos primeiros anos de vida, e a partir de então era apenas uma questão de diferentes versões dos núcleos originais. Se, por outro lado, considerarmos que a possibilidade de marcas subjetivas pode ocorrer ao longo da vida, a cada novo encontro, a cada novo vínculo, ganha terreno a ideia da importância dos vínculos de paridade, das alianças entre pares como uma legalidade diferente da edípica, heterárquica e auto-organizada. Assim, passamos a trabalhar com vínculos fraternos, não apenas quando os pais estão ausentes, mas como forma de gerar reconhecimento e apoio para além dos pais.

Se sustentamos que Édipo é uma história sobre a constituição subjetiva, hoje propomos essa outra história, que não se refere ao vínculo filial, mas ao próximo como irmão. Às vezes será o tema edipiano que adquire preponderância, em outros casos será a relação com o outro como um outro com quem fazer algo juntos.

Analistas e Telas

Vamos à questão do digital e, em particular, ao uso do online em nossos consultórios. A Internet trouxe consigo estremecimentos tão significativos em termos de ideias sobre dispositivos terapêuticos, que talvez valha a pena perguntar se são transformações ou se estamos enfrentando mutações acontecimentais. De que outra forma poderíamos conceber as mudanças surpreendentes e os efeitos inesperados que o trabalho online produziu em nossa clínica? A novidade questionadora desses dispositivos envolve o colapso das paredes do consultório e a entrada no habitat dos pacientes, sua casa, seu carro, seus locais de trabalho.

Por muito tempo, o consultório foi pensado para ser o espaço íntimo para nossa prática. Hoje podemos dizer que a intimidade se constrói em qualquer espaço, não precisa de um local fixo, é uma verdadeira construção entre o analista e os pacientes. Ainda estamos passando pelas mudanças, sem poder avaliar os efeitos. Ocorrem situações que não podem ser calculadas ou explicadas recorrendo apenas ao exposto, situações que nos questionam em nosso próprio envolvimento e nos levam a nos perguntar sobre as modalidades de intervenção.

Fora do espaço do consultório, parece que os pacientes se sentem mais autorizados a inovar, produzindo uma verdadeira dessacralização do espaço – pacientes de pijama, presença de animais de estimação, localização em diferentes espaços para os membros do vínculo no momento da sessão – o que favorece o desdobramento de uma brincadeira junto com o analista. Transformação ou mutação?

Você vai me enviar seu e-mail"? Estamos tão acostumados a ter um endereço de e-mail que podemos não perceber mais o que isso significa. O e-mail nos coloca em um território que não existe desde a ciência clássica. Não importa onde estejamos, o único endereço que não muda é o do nosso e-mail. Este exemplo me parece um bom exemplo do que temos desenvolvido sobre a desterritorialização proposta pela Internet.

Del Cioppo propõe a ideia de "interface" como lugar do digital e uma nova modalidade de tecido de ligação, tornando visível que diante de novas produções, às vezes novas palavras são necessárias: interface destaca o aspecto "inter" na montagem de espaços digitais. Ele também propõe o conceito de "presença" para se referir a uma presença fora das categorias presença/ausência que não são mais adequadas.

A ideia de corporeidade nos leva a questionar as concepções clássicas de corpo. O sexo *on-line*, por exemplo, levanta a necessidade de repensar algumas questões sobre pulsões, erotismo, atração corporal, etc.

Por outro lado, o uso de telas trouxe formas de sofrimento sem precedentes. Apareceram palavras que não usávamos antes: *grooming*, *ghosting*, cancelamento, *sexting*, *bullying*. Ações que recaem sobre o sujeito e o inundam com diversos afetos: culpa, vergonha, humilhação, impotência. Situações que às vezes levam a decisões de suicídio ou assassinato devido à quantidade de sofrimento que geram e também são transferidas para as famílias.

As telas conectam e desconectam, aproximam-nos e afastam-nos, potencializam e desempoderam, produzem solidão e proximidade afetiva, sempre em relação às situações em que estão imersas, e terão que ser lidas a partir da cena que compartilham com múltiplas outras afetações.

Há algo que resta de nossa visão anterior dos dispositivos face a face, neste turbilhão de transformações e mutações? Na minha opinião, o que marca o registro de que se trata de um vínculo analítico está, em primeiro lugar, na abstinência, a regra de ouro que supõe não fazer do paciente um objeto de gozo para o analista. Gozo que pode ser sexual, narcisista ou de domínio.

Em segundo lugar, refere-se ao encontro entre aqueles que sofrem e buscam ser ajudados, e um terapeuta que tentará encontrar maneiras de desarmar esse sofrimento, caminhos que podem ser maravilhosamente surpreendentes.

Não acredito mais em meus casais e famílias

Em meados do século XX, ocorreu uma revolução no campo da sexualidade quando os métodos contraceptivos foram introduzidos; A dissociação entre gozo / prazer,

por um lado, e procriação, por outro, foi então possibilitada. Além do mais, isso representou em particular uma expansão da sexualidade para as mulheres, juntamente com sua entrada no mundo do trabalho. Ora, esses tempos nos apresentam a possibilidade de um novo desacoplamento entre o exercício da sexualidade e a procriação, mas desta vez em busca desta última. Ou seja, a sexualidade, por meio da inseminação artificial, é apenas o caminho necessário para o fim desejado: ter um filho.

A família da Modernidade, que hoje podemos chamar de família nuclear, aquela à qual Freud pertenceu e se construiu, estava centrada na consanguinidade, na procriação dentro da família, na aliança heterossexual, na monogamia e no cuidado com a herança, tendo como valor o amor romântico "para toda a vida". Modelo familiar que explodiu ao longo do século XX.

A prescrição da monogamia com a consequência de proibir a infidelidade não é mais um valor automaticamente aceito e aparecem casais onde a infidelidade é acordada, simultânea ou sucessivamente, como no caso de casamentos abertos. Assim nos encontramos com trisais, poliamor e outras diversidades.

María e Julia concordaram em ter um relacionamento aberto. O acordo incluía não falar sobre outros relacionamentos e não sair com conhecidas de ambas. Elas consultam no momento em que Julia diz a María que está saindo com Florencia e que decidiram ter um filho com espermatozoides de um amigo de Florencia. Isso produz uma crise no vínculo de María e Julia e a partir daí elas decidem fazer a consulta.

A partir da queda das fronteiras restritivas da família burguesa e do casal monogâmico, poderíamos ser tentados a pensar que neste tipo de casal tudo é possível, que não haveria fronteiras. No entanto, embora o conceito de fidelidade como eixo orientador seja desalojado, algum tipo de renúncia é inevitável, pois toda aliança amorosa supõe algo a ser construído e "suportado"... em seu duplo aspecto: sustentar e renunciar. A demanda por trabalho psíquico imposta pela construção de vínculos impõe uma luta com a diferença e a alienação, imposição que não se rende, pelo menos até hoje, diante das mudanças de época. O fato de a ideia de uma lei transcendente e única ter perdido força não significa que as regulamentações não sejam necessárias. É aqui que entram em jogo outros eixos que prevaleceriam quando se pensa nessas configurações "para além da monogamia", a saber: honestidade, comunicação e consentimento.

E quanto às diversidades familiares? Os modos de parentesco tornaram-se rizomáticos e se diversificam em diferentes direções. São relações em termos não necessariamente consanguíneos, onde as funcionalidades são construídas de maneiras inéditas fora das antinomias de homem/mulher e da função materna/paterna, e ganha lugar a ideia de funções subjetivantes que devem ser exercidas para além de quem as realize.

Existem novas formas de família, como as famílias homoparentais, legalizadas na Argentina pela Lei do Casamento Igualitário sancionada em 2010. Encontramos também a coparentalidade e a monoparentalidade, e começa a aparecer a pluriparentalidade, montagens familiares que colocam a figura inédita de mais de um pai ou mais de uma mãe. Essa gama variada nos incentiva a pensar na diversidade do familiar e não apenas na diferença, e poderíamos adicionar famílias adotivas e as reconstruídas à nossa lista. Com relação a este último, o conceito de pai ou mãe “afim” surgiu no plano jurídico, em referência aos direitos e obrigações de um pai ou mãe que coabita com os filhos de seu cônjuge.

Gosto do termo imaginários híbridos para descrever o cenário das consultas atuais, onde as famílias convivem com o imaginário clássico da família nuclear, juntamente com aqueles nascidos no calor das perspectivas de gênero e das inovações científicas e tecnológicas. Não me parece que possamos ter uma visão e conceituação únicas que englobem todas as famílias e casais, correndo o risco de constrangimentos teóricos improdutivos.

Outro motivo que traz cada vez mais famílias à consulta é quando uma criança nascida homem ou mulher expressa rejeição de sua atribuição de gênero e expressa o desejo de fazer a transição, especialmente quando se trata de uma criança púbere ou adolescente. O mundo trans ainda desperta uma forte rejeição e muitas vezes é assimilado ao monstruoso, e os modos de abordagem terapêutica são construídos no calor das experiências clínicas.

A modo de uma não conclusão

Considero a constituição subjetiva e as tramas vinculares como processos porosos, na borda, onde convergem várias dimensões: o corpóreo, o mundo psíquico, o pertencimento aos diversos vínculos, à cultura, a uma época e à natureza como um todo, apostando em montagens móveis e fluidas e na potência subjetivante e dessubjetivante do vínculo. A ideia de uma produção social de subjetividade nos traz os imaginários híbridos, com valores, interdições e ideais sobrepostos e muitas vezes divergentes.

A perspectiva vincular na psicanálise é, antes de tudo, uma forma de posicionamento subjetivo do analista diante do sofrimento e vai além dos dispositivos da família e do casal, refletindo-se nos tratamentos com uma única pessoa. Gosto de pensar nos processos terapêuticos não apenas como um caminho de simbolização que supõe a aceitação do impossível com a consequente renúncia pulsional, mas também como uma experiência esperançosa de enriquecimento ao pensar em si mesmo como sujeito de grupo, afetado pelos

outros e, por sua vez, afetando os outros, em um descentramento do próprio e uma abertura da interioridade para o fazer para, pelo e com o outro.

Constitui, a meu ver, uma forma de resistência contra a entronização da concepção individualista do ser humano oferecida por um neocapitalismo selvagem, que desacredita nos valores da solidariedade e da empatia. E também de revalorizar uma psicanálise intervencionada pelo complexo e desconstruído, onde podemos retrabalhar aqueles conceitos que mantêm seu frescor e continuam válidos para nossa clínica, e descartar aqueles que foram fruto de uma determinada trama histórica e perderam seu vigor. Manter o espírito aberto ao imprevisto, sem silenciá-lo apressadamente brandindo afirmações teóricas que assim se convertem em dogma.

Convido-vos a correr o risco de brincar com as ideias, dessacralizando-as, misturando-as com os contributos de outros ramos do saber, da arte, da música, num emparelhamento fecundo e desafiante. Sem ignorar o escopo da repetição, aspiro a uma clínica esperançosa que não apenas permita que casais e famílias não façam de suas condições iniciais um destino, mas também inclua a possibilidade de que nesse espaço compartilhado, nessa interface singular que construímos com nossos pacientes, nós mesmos como analistas possamos nos transformar. E rebelo-me contra a minha própria tentação de me apoiar em âncoras teóricas claras e precisas, para sustentar o pensamento em conjecturas que sabemos que terão sempre um ponto de impossibilidade de confirmação e que amanhã pode cair e ser outros.

Escolhi terminar esta palestra com palavras de Edgar Morin, que aos 99 anos escrevia em meio à pandemia:

Fui surpreendido pela pandemia, mas na minha vida, tenho o hábito de ver o inesperado chegar... Vivi apenas para o inesperado e o hábito das crises. E nesse sentido, estou vivendo uma nova crise enorme que por um lado desperta a imaginação criativa e dá origem a medos e regressões mentais... Devemos aprender que na história o inesperado ocorre e será reproduzido. Achemos que viveremos de certezas, prognósticos, teorias universais e atemporais, com a ideia de que tudo será estável, enquanto tudo começou a estar em crise. Devemos aprender a viver com a incerteza, onde a estabilidade é apenas um oásis. A crise pode nos tornar mais loucos e sábios. Quero que prevaleçam as forças criativas, as forças lúcidas e os que buscam um novo caminho, mesmo que ainda estejam muito dispersos e fracos, e não os do autoritarismo, seja ele político, econômico ou científico.

Muchas gracias

Minicurso

Tramas e dramas no processo de adoção

Profa. Titular Isabel Cristina Gomes

Esse curso tem como finalidade refletir sobre as especificidades dos vínculos filiativos intermediados pelo Judiciário, destacando-se as implicações para todos os envolvidos, adotantes e adotados. Partimos de nossa experiência de pesquisa e intervenção, na qual desde 2014 realizamos grupos reflexivos com os pretendentes a adoção e a partir da pandemia, os grupos de pós-adoção. Iniciamos apresentando as principais características da formação desses vínculos, enfatizando a infertilidade do casal heterossexual e o luto pelo filho que não foi possível ter; a escolha do perfil de criança ou adolescente que se quer versus o tempo de espera frente ao risco da devolução; outras modalidades do exercício parental quando se pensa nas adoções tardias ou necessárias; os casais homoafetivos principalmente masculinos e as adoções monoparentais; a escolha pela adoção em recasamentos quando um dos cônjuges já possui filhos biológicos de outros parceiros; como os adotantes lidam com a história pregressa da criança, sua alteridade e a construção dos segredos; as tramas envolvendo a transmissão psíquica e as mudanças da contemporaneidade que começam a permitir essa escolha filiativa por casais de dupla carreira que não querem ter filhos. Em seguida, descrevemos os objetivos e os procedimentos e instrumentos utilizados tanto nos grupos com os pretendentes quanto nos de pós-adoção com o intuito de demonstrar a importância dessas atividades de preparação e da existência de um espaço seguro de compartilhamento de experiências, com a finalidade de promover uma escolha mais consciente e madura, priorizando a mobilização pelas adoções tardias.

Oficinas

Bambu – vivência Winnicott: o entre²

Mauro Hegenberg

Susi Breviglieri

A vivência com bambus foi concebida para explicar a configuração do conceito de vínculo em Winnicott, a partir de uma experiência com música e dança.

Um bambu liga os participantes, que formam duplas ora mãe e filho, ora um casal, com os olhos abertos ou fechados, elaborando experiências de encontro, apoio, abandono, invasão, holding, por exemplo, configurando vínculos a partir da presença física do corpo e do bambu, estabelecendo a vivência estética de um self, que está vivo, brinca e está em movimento.

Conceitos de Winnicott são apreendidos a partir da experiência, de acordo com o conceito de presença (Langer, 1941) e de vivência no setting, instituídos por Ferenczi nas décadas de 1910 até início dos anos 1930.

O “entre” pode ser não apenas compreendido conceitualmente, como experimentado pelo corpo em ação, nos momentos em que a dupla manuseia o bambu ao som da música e se dá conta de que os movimentos são instituídos não apenas por um dos membros (de um casal, por exemplo), mas pelo encontro dos dois, experimentando o ‘Entre’ como concepção não de um, mas do vínculo composto pela dupla.

A vivência dura por volta de uma hora, com os slides teóricos sendo mostrados, à medida em que as músicas, diferentes para cada aspecto a ser explicitado, cria um ambiente propício para mergulhar na experiência.

Um tempo posterior para conversa e elaboração da experiência pelos participantes termina a vivência com bambus.

² Texto a respeito está publicado em: Hegenberg, M. Vivência com bambu. In: A presença de Winnicott no viver criativo. Org: Afrânio Ferreira. São Paulo: Editora ZY, 2009.

Oficina de “Técnicas Mediadoras”

Gislaine Varela Mayo De Dominicis

Durante o V Simpósio da Associação Brasileira de Psicanálise de Casal e Família, que ocorreu em Fortaleza nos dias 23 e 24 de maio de 2025, foram oferecidas algumas oficinas (talleres). Esse tipo de experiência tem sido cada vez mais frequentes nos encontros de psicanalistas e psicólogos.

Tive a oportunidade de coordenar a oficina sobre técnicas mediadoras usadas nas psicoterapias de casal e família. Após uma breve apresentação sobre algumas técnicas (jogo do rabisco, desenhos, exercícios de psicodrama) e sua sustentação teórica, foi oferecida aos participantes (20 pessoas) a experiência de um jogo do rabisco em grupo.

Esta oportunidade de brincar com os rabiscos e a posterior troca de associações livres, foi uma descoberta interessante de como o grupo funciona de uma maneira muito mais integrada do que se supunha.

A segunda vivência, foi um desenho individual de árvore pintada com aquarela. Além da prática ter sido muito agradável e lúdica, as falas posteriores foram ricas com muitas associações e circulação de afetos. Foi surpreendente como uma simples experiência lúdica e estética pode despertar tantas lembranças, afetos e significados.

Trabalhos apresentados

A dinâmica conjugal em psicoterapia: reflexões sobre um relato clínico

Sabrina Aparecida Fernandes

Thássia Souza Emídio

Camila Tondella Miguel

A psicoterapia de casal possibilita a emergência de conteúdos inconscientes que estruturam a relação conjugal. Pactos inconscientes sustentam o vínculo ao recalcar conflitos (Kaës, 2005), enquanto a transmissão psíquica intergeracional perpetua padrões afetivos e defesas inconscientes (Kaës, 2001). Este estudo analisa o caso de M. e B., casal atendido em um serviço-escola de Psicologia na UNESP-Assis, cujos conflitos envolvem parentalidade, sexualidade e uso de substâncias. Foram realizadas 20 sessões semanais ao longo de cinco meses, fundamentadas na psicanálise das configurações vinculares. Os atendimentos, conduzidos por terapeutas em formação e supervisionadas regularmente, priorizaram a compreensão dos processos transferenciais e contratransferenciais. M. e B., casados há 12 anos, parecem estruturar a conjugalidade em um pacto de sustentação mútua. B., marcada por repressão afetiva e abuso sexual na infância, apresentou dificuldades na vivência da sexualidade. M., por sua vez, cresceu sob superproteção materna e busca validação afetiva. O uso de substâncias e a sexualidade funcionam como reguladores do vínculo. A psicoterapia revelou a fragilidade desse pacto, evidenciada pela resistência de M. e pela reivindicação de espaço por B. A recaída de M. no uso de substâncias reforçou a dinâmica de dependência. A psicoterapia tem favorecido a diferenciação subjetiva do casal, mas barreiras defensivas indicam a necessidade de acompanhamento contínuo. O estudo evidencia a importância da psicanálise das configurações vinculares para a compreensão da conjugalidade e seus desafios.

A presença simbólica dos mortos nas tramas familiares após perdas trágicas

Layza Castelo Branco Mendes

Terezinha Féres-Carneiro

Lutos prolongados tendem a ocorrer diante de situações de morte por acidente, ausência de corpos ou pouca idade da pessoa falecida. Tais situações foram evidenciadas no acidente com o voo Vasp 168, primeiro grande acidente aéreo ocorrido em território nacional, em 1982. Esta pesquisa de natureza qualitativa – que é um recorte de uma pesquisa maior – investigou como, após quatro décadas, encontra-se a presença simbólica dos entes amados nas tramas familiares. Para tanto, foram entrevistados 27 familiares que perderam parentes de primeiro grau. Esse recorte contém duas categorias de análise que abordam o pertencimento do morto à família após 40 anos, quais sejam: “Apenas lembranças”, que trata dos relatos sobre como eram os entes falecidos, dos sonhos destruídos com as pessoas perdidas e como isso ainda causa incômodo, e das fantasias sobre como o morto seria no presente; e “Guardados na memória”, que aborda as lembranças boas com a pessoa perdida e o sentimento ainda muito forte sobre elas, mas também discorre sobre a ausência de lembranças para alguns dos participantes e as consequências disso. Concluiu-se que a perda de familiares de primeiro grau com os quais as relações eram próximas e afetivas não exclui tais pessoas falecidas das tramas familiares, pois elas podem passar a existir por meio de forte presença simbólica, ocasionando direcionamentos subjetivos para a reconstrução das famílias.

A transgeracionalidade não-percebida de violência verbal e física em um contexto familiar

Diva Maria Borges-Nojosa

Maria Lucinaura Diógenes Olímpio

O presente trabalho tem por objetivo apresentar e discutir um caso que mostra os efeitos nocivos da violência verbal e física dentro de uma dinâmica familiar, visto através das questões transgeracionais não-percebidas. Para tanto, utilizamos uma ilustração clínica, fazendo uma articulação entre estudo teórico-clínico, baseado na abordagem psicanalítica. O caso é procedente de um acompanhamento clínico realizado com uma mulher de 21 anos, que chegou com a queixa de constantes crises de choro, insônia e ideações suicidas. Ao longo de nove meses de terapia, percebemos a existência de sérios conflitos com os pais, gerados por uma linguagem familiar composta por insultos, agressões verbais e físicas e uso de constantes ameaças como moeda de poder e sobrevivência. Havia no núcleo familiar onde foi criada, com avós, tios e pais, uma transmissão psíquica transgeracional não-percebida do uso da violência, permeando várias gerações que conviviam numa mesma residência. A validação do trauma vivenciado pela paciente neste contexto familiar, seguindo os preceitos da teoria do trauma, foi muito relevante para a evolução do processo terapêutico. Da mesma forma, foi extremamente importante constatar e identificar as questões transgeracionais não-percebidas, como por exemplo a cripta trazida pelo avô, a ruptura dos laços por parte da paciente (da terceira geração), que não se reconhecia mais naquele contexto familiar devido a possíveis falhas na transmissão intergeracional.

A Vertigem da Diferenciação: Efeitos da Terapia Familiar sob a Ótica Psicanalítica

Julia Simões De Bona

Este artigo analisa os efeitos da terapia familiar a partir de um caso clínico com duração de um ano, atendido na Clínica Ana Maria Poppovic, sob a perspectiva psicanalítica. A terapia familiar possibilita o emergir da singularidade dos sujeitos, rompendo com a indiferenciação e com o pacto da "família ideal". Para compreender os desdobramentos dessa modalidade terapêutica, foram examinados três eixos de função fundamentais: a do analista no grupo, a da doença na dinâmica familiar e a da terapia como recurso de intervenção, destacando a importância da circulação da palavra e da ressignificação dos mitos e segredos familiares. O caso clínico apresentado envolve uma família imigrante e bastante religiosa, com a filha adolescente tida como receptáculo da conflitiva familiar. Ao longo do processo, questões até então submersas e escamoteadas tais como sexualidade, formulação de diagnósticos (e suas atribuições), repressão, discriminação, infelicidade conjugal, e identidade sexual afloram, evidenciando a complexidade da rede familiar e também seus buracos. A terapia permitiu que a família confrontasse suas dinâmicas inconscientes, promovendo maior diferenciação e a autonomia dos membros, desvelando os não-ditos. A presente análise demonstra como a terapia familiar pode trazer à tona os traumas transgeracionais e facilitar a construção de novos significados, contribuindo para o enfrentamento dos conflitos e a redistribuição de papéis na dinâmica da família. Apesar da constituição do eu se dar alienada na história da família no início da vida, é preciso marcar uma diferença entre o eu e o Outro, deslocar-se da posição de errante, que vagueia por meio das gerações em busca de inscrição ou simbolização para a posição de herdeiro. Ser herdeiro é o trabalho de historicizar, apropriar-se da própria narrativa familiar e posicionar-se em relação a ela enquanto sujeito. O caso apresentado possibilita o observar do entrelace vivo e itinerante entre a teoria e a prática clínica, em que uma se constrói sob e a partir da outra, aos poucos produzindo um conhecimento que não pode encerrar em si mesmo justamente por crescer tal como um rizoma, podendo ramificar-se a partir de qualquer ponto da trama.

A violência contra a mulher no espaço psíquico do relacionamento conjugal

Luana Valera Bombarda

Mary Yoko Okamoto

Este trabalho, componente de uma pesquisa de doutorado tem como objetivo refletir, a partir de um caso atendido em um CREAS, localizado no interior do estado de São Paulo, sobre os aspectos que levam uma mulher a permanecer num vínculo conjugal permeado por violência física praticada pelo companheiro. Mesmo após o pedido de medida protetiva, muitas mulheres retomam o relacionamento, gerando questionamentos a respeito do papel da mulher e dos pactos realizados entre o casal. No âmbito da psicanálise de casal e de família, violência doméstica pode ser analisada como expressão das alianças inconscientes. Ana (nome fictício), 22 anos, três filhos, possui união estável desde dezoito anos. Os pais, usuários de drogas, contribuíram para que não recebesse investimentos de cuidado. No relacionamento ela pôde construir uma família que desejou e acreditava que este grupo faria a função protetiva que não encontrou em sua família de origem. Após discussão entre o casal, que resultou em violência física, ela reviveu a sensação de desproteção. Realizou Boletim de Ocorrência e solicitou medida protetiva, porém não possuía desejo em se separar. Buscou auxílio à instituição como mediadora do conflito, pois ela gostaria que o companheiro compreendesse o papel de cuidado e proteção que espera que ele exerça, visto que ela precisa do cuidado que acredita ter no grupo familiar. A experiência subjetiva em sentir-se novamente sozinha contribuiu para que retirasse a medida protetiva, pois ao garantir a manutenção do grupo familiar, fica invisível a experiência da violência e impede formação de um psiquismo próprio.

Acidente aéreo e luto: tramas familiares após quatro décadas

Layza Castelo Branco Mendes

Terezinha Féres-Carneiro

Processos de luto podem ser prolongados diante de situações como morte por acidente ou ter sido de pessoa jovem. Em acidentes aéreos, pode haver agravantes como a ausência de corpos. Diante disso, esta pesquisa – que é um recorte de uma pesquisa maior – objetivou investigar como familiares que perderam parentes no primeiro grande acidente do Brasil, Vasp 168, em 1982, construíram suas tramas familiares de luto durante quatro décadas. Por meio de pesquisa qualitativa, foram entrevistados 27 familiares que perderam parentes de primeiro grau. Esse recorte aborda seis categorias, que tratam das tramas familiares no processo de luto: “Toda a família ficou desestruturada” aborda aspectos negativos como desentendimentos e desorganização; “Sem aquele impacto” relata como, ao longo das quatro décadas, foi lidar com outras mortes na família; “Braço forte de toda a família” discorre acerca da existência de familiares de referência antes e depois do acidente; “Não conseguiram conversar tudo o que queriam” relata consequências da presença e falta de diálogo familiar sobre a perda do ente; “O que um sofreu todos sofreram” aborda união, suporte e apoio intrafamiliar; “Buscaram viver e agregar” fala sobre reconfiguração de rotinas e papéis na família. Concluiu-se que existe uma dimensão do luto que é individual, mas também há dimensões familiares que influenciam e são influenciadas umas pelas outras. Cuidados apenas com dimensões individuais podem acarretar problemas por décadas. Atualmente, há mais material científico sobre a dimensão individual, gerando uma carência de compreensão de profissionais da saúde sobre a importância dos cuidados com a família.

Adesivamento em tempos primordiais: causas e rotas no destino das mulheres

Luiza Ary Aguiar

Na prática clínica, identifiquei um certo padrão entre pacientes mulheres no início da vida adulta: estas encontram-se sufocadas, massacradas por mães intransigentes e invasivas. Ainda que pertencentes a diferentes regiões, cidades, raças e realidades socioeconômicas, o ponto nodal parece ser uma relação entre filha e mãe com características evidentes de subjugação, interligadas com um vínculo simbiótico, algo como um “adesivamento”. Tendo como ponto de partida as observações clínicas, as quais abriram espaço para uma articulação com conceitos de autores como Freud, Winnicott, McDougall e Piera Aulagnier, constatei que há um emaranhado que permite tornar o vínculo tão adesivante, podendo incluir questões internas e externas, particulares e compartilhadas. Trata-se também de uma questão que diz respeito a um produto cultural violento, tendo em vista que as mães vivem sob o fantasma da ideia saturada de instinto materno. Assim, como um efeito dominó, as filhas recebem uma conta ao lidar com suas mães que sofrem pelo pertencimento a uma cultura misógina e/ou a uma família transgeracionalmente com déficits semelhantes. Neste trabalho, compreendo a importância da transferência-contratransferência no inédito vínculo psicoterapêutico, o qual possui um papel de extrema relevância em buscar flexibilizar as instâncias internas e, a partir disso, poder criar novas formas de viver.

As tramas de um amor perfeito

Tatiana Tostes

Recebo um casal de mulheres em primeira consulta. A solicitação foi feita por L, que iniciou a sessão com a seguinte frase: “viemos porque temos um problema...não sabemos mais o que somos. Se somos um casal ou duas amigas”. Nos vínculos, circulam sexualidade e relações de poder. Um não remete ao outro, pois circunscrevem universos distintos, ainda que possam se sobrepor. Berenstein caracteriza o poder como o conjunto de ações e a experiência emocional que se constituem em uma relação de imposição entre um sujeito e o outro ou outros, que leva a uma modificação do corpo e da subjetividade (Trachtenberg, et al., 2018, p.27). É importante considerar também que para entender o vínculo conjugal e suas trocas psíquicas, reconhece-se que cada cônjuge traz consigo as suas histórias familiares, enredados por um processo de transmissão psíquica geracional, que influencia as vivências afetivas entre os cônjuges (Piva, 2009). Para a psicanálise vincular, o sujeito é entendido através dos aspectos intrapsíquico, interpssíquico e transobjetivo, ou seja, o sujeito se constitui no espaço interno (intra); no espaço do vínculo, do sujeito com um outro (inter); e no espaço sociocultural, na relação com o mundo externo (Piva, 2006). Este trabalho visa apresentar as tramas e os dramas de um casal de mulheres que se interrogam se podem se constituir como casal e quem sabe, como família.

Crianças migrantes do Sul Global para o Brasil: rupturas, vínculos e interculturalidade

Mary Yoko Okamoto

Jean Rodrigo Gerhardt

Luiza Helena Neres Sebastião

De acordo com os últimos dados da Unicef, em 2023, 44,3% dos pedidos de refúgio no Brasil foram de população infanto-juvenil, com até 18 anos. Os motivos pelos quais as famílias migram são diversos, e vão desde a busca por melhores condições de vida, tragédias climáticas, perseguições políticas e diversos tipos de violência. Dessa forma, buscamos compreender de que forma os filhos que migram com suas famílias são afetados por esse processo, como vivem os rompimentos e as consequências da migração. Esse trabalho agrega duas pesquisas de iniciação científica nas quais foram realizadas entrevistas semiestruturadas com pais e/ou mães de 03 famílias de migrantes do Sul Global, e com os filhos, foi aplicado o procedimento clínico de Desenhos de Família com Estórias, de Walter Trinca. A migração produz sofrimentos em virtude de rupturas devido à perda com o mundo até então conhecido, como elementos da cultura, língua, comida e outros aspectos referentes à identidade, e, apesar das crianças não terem sido totalmente informadas sobre a migração, em todos os desenhos e estórias aparecem os elementos referentes à separação e perdas, mas também, união e busca pela felicidade com a família. Os pais se preocupam com a manutenção do pertencimento e a transmissão, enquanto os filhos demonstraram as marcas traumáticas geradas pela fome, medo, fragilidade e a separação da família que permaneceu no país de origem, com intensa valorização da busca por prosperidade no Brasil e a manutenção da união familiar.

Diante do medo do mundo, uma convocação à vida: uma escuta familiar

Maria Fernanda Passoni

A narrativa de Guimarães Rosa – Grande Sertão: Veredas – conversa com as questões que o atendimento psicoterapêutico de uma família suscitou. A fim de proteger-se dos perigos da vida, este grupo de três membros – mãe, pai e filha de 12 anos – fechou-se em si mesmo, apoiado em um mito familiar que trazia a todos uma ilusão de segurança. O sintoma, da ordem de um fechamento para o mundo, e a princípio nomeado como um diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista de um de seus membros – paciente identificado – vai dando notícias de toda uma dinâmica a ser desenhada no presente artigo. O trabalho psicoterapêutico de orientação psicanalítica caminhou no sentido da escuta de cada um dos sujeitos presentes e da aposta de que ali poderiam existir desejos e, a partir deles, coragem para se abrir e se haver com as movimentações próprias da vida. O trabalho da psicanálise com famílias convoca à sustentação subjetiva de cada um dos membros do grupo familiar, de um lugar diferenciado entre si, e de um encorajamento para a vida. Trabalhar com famílias é, neste sentido, dar direito às existências, e é a partir dos sintomas que podemos fazê-lo, à medida em que o sintoma grita; chama; é uma convocação permanente à vida. Como no romance de Guimarães Rosa, foi preciso ter a coragem de cumprir esta travessia interna, sustentar grandes guerras, com as dores, as perdas, os lutos, e as belezas e encontros ao longo do caminho de se seguir adiante.

Dois corpos e uma mãe: voluntariado em catástrofe climática - caso clínico

Andréa Engel de Jesus

Marisa Terezinha Schütz

O trauma transgeracional é tema deste artigo, envolve família abrigada emergencialmente em Porto Alegre/RS por conta da catástrofe climática ocorrida em 2024. O grupo familiar é composto pela mãe Ana, 37 anos, seis filhos, dois netos e o genro Pedro. Vivenciava luto recente pela morte da sua mãe, e complicada experiência de gestação gemelar não planejada de dois meninos que, devido à pré-eclâmpsia grave, nasceram prematuros pouco antes da enchente. O atendimento voluntário teve início no abrigo emergencial, acompanhou a transferência do grupo para abrigo de cuidado multiprofissional, por complicações pulmonares dos bebês, e está mantido no atual domicílio da família. Os integrantes do grupo se identificam com o padrão que Ana mantém, de inércia pulsional e desinvestimento na realidade externa, principais fatores da vulnerabilidade familiar. Assim, sequências traumáticas se estabeleceram pela transferência transgeracional de padrões comportamentais e material psíquico, gerando complexa desorganização grupal. O que é herdado acaba transmitido entre as gerações, tornando-se um drama familiar. A exemplo, o grupo registrou em três gerações gravidez precoce, a última delas aos 13 anos, com risco de morte por cardiopatia e permanência em UTI por trinta dias após o parto. E assim, na impossibilidade de alcançar o bem-estar de base, o grupo se equilibra precariamente entre não chegar ao zero e chegar ao zero absoluto. O ADL (Algoritmo Davi Liberman) estabelece o entendimento psicanalítico dos processos inconscientes dessa mãe, no espectro dos quadros tóxicos e traumáticos.

Dramas da família confrontada com a morte. O que pode o psicanalista?

Ana Paula Brandão Rocha

Esse é um trabalho sobre o que pode o psicanalista quando faz parte de uma equipe dedicada a cuidados paliativos no hospital. E isso, especialmente, no que se refere ao trato com as famílias. É sabido que a doença – tanto a que leva a uma internação hospitalar quanto a que demanda atenção ambulatorial prolongada – gera na família do paciente um desconforto. Isso é inevitável, e são muitas as razões. Vamos falar sobre elas, mas também sobre como esse desconforto se agrava quando o quadro evolui mal, segue para cuidados paliativos e a morte acena, sem chances de recurso ou negociação. Fato é que quando um paciente adentra um hospital, de modo geral, a família vem junto. E, por vezes, os familiares necessitam e se beneficiam de cuidados da equipe de saúde mental. Diante da certeza de morte iminente, faz-se importante, desde o momento em que é dada a má notícia, dar voz ao luto, mesmo que antecipatório. Oferecer escuta e lugar de fala para a família é favorecer a elaboração desse luto, evitando que, silenciado, ele provoque mais adoecimento. Será explicitado como isso é feito, sob que circunstâncias e a partir de que demandas. Também serão lembradas situações em que a atenção é suficientemente terapêutica, embora não corresponda exatamente a um processo de análise. Para ilustrar, procederemos à breve apresentação de uma situação clínica.

Dramas familiares e o uso de recursos mediadores: proposições para as entrevistas iniciais

Maíra Bonafé Sei

A busca pela psicoterapia de casal e família nem sempre ocorre de forma espontânea, sendo comum o encaminhamento feito por outros profissionais. Nota-se, igualmente, que frequentemente o casal ou família elege um paciente identificado como representante de uma disfunção que pode ser advinda do vínculo estabelecido entre os familiares. Face aos dramas conjugais e familiares, resistências diversas se apresentam, sendo importante avaliar a possibilidade de construção de uma demanda familiar compartilhada. Objetiva-se, assim, discorrer sobre uma proposta para o período das entrevistas iniciais com casais e famílias, por meio do uso de recursos mediadores. Inicia-se com uma entrevista na qual é abordada a queixa que motivou a busca pelo atendimento. Na sessão seguinte, propõe-se a realização da linha da vida, de forma individual, na qual são indicados os acontecimentos marcantes. No atendimento posterior, solicita-se que façam um genograma, incluindo ao menos três gerações. Pede-se na próxima sessão que façam um espaçograma, no qual é representado o espaço habitado, com seus móveis, possibilitando uma compreensão maior da dinâmica conjugal ou familiar. Ao final, realiza-se uma devolutiva compartilhando impressões a partir dos encontros iniciais. Observa-se que o uso de recursos mediadores permite que conteúdos inconscientes possam emergir e, com isso, possam ser pensados e elaborados. Além disso, ofertam outra via de comunicação, algo especialmente importante quando há crianças e adolescentes nas sessões. Considera-se, por fim, ser possível perceber se o casal ou família consegue construir uma demanda compartilhada essencial para um trabalho que se detém mais nos aspectos intersubjetivos que intrapsíquicos.

Dramas familiares e práticas violentas: FIV e seus atravessamentos no corpo feminino

Raissa Rabelo Marques

O processo de fertilização in vitro (FIV) representa esperança para casais com dificuldades reprodutivas, porém trata-se de um tratamento perpassado por desafios, como efeitos colaterais dos medicamentos hormonais e desdobramentos emocionais diversos, com incertezas e possíveis percalços. A (im)possibilidade de êxito pode constituir dramas e traumas familiares que atravessam o corpo feminino e, por vezes, o colocam no lugar de mero reservatório de bebês. Cabe, assim, discutir sobre o uso de tecnologias para reprodução assistida em laboratório e seus impactos na trama familiar e do casal, uma vez que tais intervenções e procedimentos podem desembocar em práticas violentas. A compreensão de violência aqui está relacionada à apropriação do corpo, abusos e patologização dos processos naturais envolvidos durante o processo reprodutivo. A gestação, parto e o nascimento de um filho são eventos marcantes na vida do casal, especialmente, para a mulher. Acontecimentos permeados por idealizações e fantasias que nos contam dos laços familiares e do casal, bem como de aspectos transgeracionais e vinculares. Relatos de sentimentos de incapacidade e impotência durante o tratamento de FIV, que se intensificam a cada insucesso, podem ser vivenciados como uma experiência traumática na qual as mulheres se sentem violentadas. Os impactos recaem na relação e desembocam em conflitos vinculares. O trabalho clínico psicanalítico nesse contexto aposta na escuta do singular em cada mulher, casal e família que vivencia o tratamento, constituindo dispositivo terapêutico que oferece acolhimento às dores e angústias vivenciadas.

Escuta de uma família imigrante diante do diagnóstico de autismo do filho

Claudia de Brito Faturi

Isabel da Silva Khan Marin

A família em questão é formada por um jovem brasileiro filho de pais estrangeiros que, recentemente, recebeu o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista. Com dificuldades na linguagem e nos relacionamentos, o jovem traz consigo seus pais para o atendimento de família. Segundo a mãe, o filho demorou para falar, no entanto, este atraso era minorado pelos profissionais de saúde, que a atribuíam ao fato de os pais falarem em sua língua nativa com o bebê. Os pais foram então orientados a se comunicarem em português com seu filho, idioma que não dominam até hoje. Em diversas sessões, seus pais também trouxeram dificuldades em se relacionar com brasileiros, assim como com seus compatriotas que pertencem a religiões diferentes daquela que praticam. A religião é um importante organizador da vida familiar, pois ali se sentem pertencentes. Frequentada por pessoas de várias nacionalidades, a igreja sustenta certa ilusão de que é um território sem fronteiras, amortecendo o choque entre as culturas, que não se misturam e não produzem sincretismo, cada cultura, cada idioma, cada religião deve ficar no seu lugar. A escuta psicanalítica da família permitiu identificar cisões em diversos aspectos da sua estrutura: no idioma, na sociabilidade e, principalmente, na transmissão intergeracional da cultura, que tiveram implicações significativas para o desenvolvimento do jovem. Ele parece ter vivido impasses nas operações de alienação e separação, processos importantes para a constituição subjetiva.

Família nos meandros da loucura: experiência em uma instituição de saúde mental

Aline Moraes Geremias

O presente relato de experiência lança um pergunta-reflexão sobre as dinâmicas familiares que envolvem o adoecimento mental grupal, tendo um porta-sintoma, tomando como exemplo o caso de Maria, uma paciente em tratamento em uma instituição de saúde mental. O relato traz uma vinheta clínica a partir do início de um trabalho terapêutico vincular desenvolvido com a paciente e a família, sob a condução de uma terapeuta e da estagiária de psicologia, que é a autora do relato. A partir de concepções psicanalíticas, a reflexão apresentará um caso do desenvolvimento de uma criança no contexto familiar adoecido e suas reverberações na fase adulta. Maria, é uma mulher diagnosticada com epilepsia e com quadro psicótico, apresentando episódios de humor instável, surtos psicóticos e dificuldades de relacionamento com a família. O cenário se agravou após o nascimento de seu filho, criando tensões familiares, especialmente com a mãe. A relação com seus pais é marcada por um excesso de cuidado e invasão, o que gera um ciclo de dependência mútua e tentativas de Maria se desvincular deste ciclo. A dinâmica de cuidado, controle e acúmulos, funciona com um folie à deux, criando um espaço de sofrimento contínuo para Maria, que, por sua vez, busca manter a autonomia e espaço para o seu desejo. O caso destaca a complexidade dos vínculos familiares e a importância da atenção terapêutica vincular no contexto institucional que visa uma intervenção de cuidado da paciente dentro da família, sem desconsiderar as suas limitações de adoecimento mental e o seu desejo.

Feminilidades, Vínculos e Sofrimento Psíquico: uma Análise de “The Nightbitch”, de Rachel Yoder

Danielly Passos de Oliveira

Este trabalho articula os conceitos de vínculo, gênero e sofrimento psíquico na contemporaneidade, tendo como eixo uma obra literária publicada em 2021 pela escritora norte-americana Rachel Yoder: “The Nightbitch”. O livro aborda, a partir do realismo mágico, a história de uma artista plástica que “resolve” abdicar de sua carreira para cuidar do filho. Sendo nomeada no livro apenas como “Mãe”, ela é atormentada pela ambiguidade: ama seu filho, mas não suporta a rotina doméstica; percebe o privilégio de ser uma mulher branca, casada, de classe média que “pode decidir” ficar em casa enquanto seu marido trabalha, mas o odeia porque ele não precisou renunciar à própria vida ao se tornar pai. Compreendendo o conceito de vínculo como um espaço “entre”, constituído no encontro entre dois ou mais sujeitos (considerando a imprevisibilidade dos efeitos desse encontro sobre as subjetividades) analisamos o conceito de gênero, demonstrando que, para ultrapassar o binarismo que separa masculinidades e feminilidades, é imprescindível uma transformação das configurações vinculares (casal, família, grupos). Apesar das conquistas sociais alcançadas pelo feminismo, os processos de subjetivação femininos (tecidos a partir de um entrelace complexo entre os campos: intrapsíquico, intersubjetivo e transubjetivo) permanecem conectando intimamente mulheres à tristeza e à loucura? Como a psicanálise vincular pode contribuir para enfraquecer o laço que une as feminilidades ao adoecimento psíquico? A literatura se converte num instrumento potente de criação de caminhos de saúde para os vínculos e para as feminilidades.

Il denaro ha tutti i sapori... O dinheiro tem todos os sabores...

Rosely Pennacchi

Comentando situações clínicas o texto pretende trazer algumas reflexões sobre como os casais contemporaneamente, lidam com o dinheiro, na relação conjugal. A partir de uma perspectiva psicanalítica, o dinheiro não deve ser visto apenas como um meio de troca ou uma divisão de despesas pois evoca o narcisismo, a relação com o Outro, relança o desejo, fala da diferença, do gozo, das identificações imaginárias. Articula aspectos da intersubjetividade social: a produção, o poder, a segurança, a provocação, a reivindicação, a indulgência.... O texto contempla as mudanças nos últimos decênios, com a incorporação da mulher a espaços tradicionalmente masculinos, trazendo alterações no imaginário masculino. O modelo patriarcal vigente por milênios aos poucos se modifica e sugere uma nova virilidade. Atualmente homens e mulheres trabalham. Em função disso a parentalidade e a conjugalidade mudaram. As mulheres, em sua vontade de se redefinir, obrigaram o homem também a fazê-lo. O texto também traz comentários sobre o consumismo e seu poder transformador pois cria, como Pierre Martin afirma uma alienação que afeta desde a fidelidade até as relações de amor e raiva, tornando-se uma força que modifica as relações sociais e psíquicas, trazendo tanto ganhos quanto distorções nas identidades pessoais e coletivas.

Laços, rupturas, fissuras: cicatrizes de um casamento

Nataly Netchaeva Mariz

Em meio a diversas configurações possíveis diante do cenário conjugal contemporâneo, o analista, em sua escuta ampliada, precisa estar atento aos pressupostos básicos que guiam o trabalho analítico. O analista se deixa levar pela narrativa apresentada setting sustentado pela interrogação sobre o que aquele casal, aquela família, quer nos comunicar das suas vivências afetivas? Esse ofício artesanal, tecido no caso a caso, sofre as influências das intemperes cotidianas e variações afetivas. Nesta comunicação, a partir da apresentação de duas vinhetas clínicas, busco discutir em que medida, no campo de atuação com casal e família, faz-se necessária a presença concreta do analista, enquanto presença viva, encarnada. Trago a experiência de um atendimento online e outro presencial. Partindo da compreensão de que a companhia do analista dá testemunho às cicatrizes que se formaram ao longo da manutenção do vínculo conjugal/familiar, sustento que em sua permanência ‘ao alcance da mão”, ele envelopa os afetos não elaborados. A pessoa do analista em sua materialidade, pode ser - mesmo que apenas no desejo secreto - tocada, abraçada, beijada... Assim, esta presença encarnada, em sua dimensão de contenção afetiva, tem no consultório um espaço de contorno, que faz função de “casa analítica”, permitindo com sua ambiência criar condições suficientemente boas para a elaboração dos afetos indesejáveis.

Mitos e segredos na família

Rosemary do Carmo Vieira

Sustentado no enfoque/base da abordagem do “Sujeito em Situação” e a “Situação no Sujeito”, este trabalho tem como proposta discutir a influência dos mitos e os segredos familiares e as heranças transgeracionais na subjetivação. O mito tem sido considerado como uma explicação simbólica de algo que não é demonstrável ou racionalizado. Existem mitos privados e públicos, e, entre os dois, estariam os familiares. Os familiares são uma trama de leitura da realidade, estruturante do funcionamento da família e do destino de seus integrantes, em que coexistem os elementos reais e os fantásticos e que inter-atua com os mitos individuais de cada membro. Uma criação grupal processada no curso de várias gerações; suas versões vão se transformando ao longo do tempo. Quanto mais rígido e disfuncional, mais tenderá permanecer sem modificações ao longo das sucessivas gerações - tema da transmissão dos conteúdos psíquicos transgeracionais. Os segredos familiares são parte importante do mito. Destacam-se os segredos libidinais e os antilibidinais; e, ainda, dois níveis destes: alguns que se originam em acontecimentos que não foram simbolizados e outros que todos ou muitos os conhecem, mas todos dizem desconhecer-los, e sobre isso não se fala. Muitas vezes os segredos funcionam como um fetiche que organiza a família. Partindo do chamado Contrato Narcísico de Piera Aulagnier, sabe-se que toda criança chega ao mundo tendo que se adequar às seguintes demandas: perpetuar as cadeias de gerações; assegurar a perenidade da identidade familiar; fortificar o seu narcisismo; transmitir de forma irreversível os enunciados históricos e familiares.

Mulheres vítimas de violências. O relato da terapia familiar (mãe e filha) e reflexões

Mariana Verpa Sanches

Este relato de caso clínico analisa o processo terapêutico de Ana (53 anos) e sua filha Maria (27 anos) em duas fases: sessões realizadas de abril a agosto de 2024 e a retomada em janeiro de 2025. Ana é filha de Rosa, que sobreviveu a um tiro disparado por seu marido. Desde pequena Ana teve sua trajetória marcada por violência. Rosa morou com o marido até ser levada pela irmã para longe. Ana, mãe de José (30 anos) e Maria (27 anos). Após um casamento abusivo, divorciou-se de Joaquim há 10 anos – decisão impulsionada pela intervenção de Maria, que, aos 16 anos, pressionou a mãe a denunciar as ameaças do pai. No acompanhamento terapêutico, evidenciou-se uma relação conflituosa entre mãe e filha: Maria não confia na sua mãe e adota postura verbalmente agressiva e controladora. Após o divórcio, Ana passou a se envolver com garotos de programa, arriscando seu patrimônio e integridade, o que intensificou a preocupação de Maria. A retomada das sessões ocorreu após um episódio de agressão: Pedro, ficante de Ana e usuário de cocaína, a agrediu enquanto estava intoxicado e ameaçou sua filha. Esse fato levou ambas a prestarem queixa na delegacia e a instalarem uma câmera na residência. Discussão: Qual a dinâmica das relações femininas nesta família? Quem exerce o papel de mãe e de filha? E qual o espaço dos homens nesse contexto?

O analista e sua presença enquanto ferramenta na terapia de casal e família

Dirceu Duarte Gomes

No processo terapêutico, torna-se importante que o analista compreenda em sua função que pode exercer um papel de tradutor, quando faz interpretação e traduz a fala de um membro para outro, sem que acrescente ou retire da mensagem comunicada. Para que o terapeuta de casal assim atue, é necessário que possa se colocar para o casal como se emprestasse seu psiquismo, de maneira receptiva na escuta e no processar interpretativo daquilo que o casal compartilha em sessão. Dessa forma, o analista suporta não somente o conteúdo como também a carga emocional que vem junto com a memória, a cena e ou insight. Em sessão, o analista, ao ouvir, utilizará de questionamentos, convidando os participantes a acessarem memórias, afetos, sensações e lacunas. Por conseguinte, pretendemos discutir e articular o conceito de rêverie no atendimento de casal e família. Este terceiro, o analista, utilizará da rêverie e da função alfa como ferramentas. O analista se coloca como receptor e canalizador das emoções em seu estado bruto e as transforma em uma narrativa, que promove novos sentidos e significados para os pacientes. Nessa perspectiva, é necessário e não somente importante, que eles percebam a figura do analista como fonte de sustentação. Permite-se ao casal sentir e sofrer, e então, ao reviver esse sofrimento, lidar e ter meios de elaborar esse trauma vivido/revivido no vínculo conjugal. Em suma, por meio da análise pode-se acessar o sofrimento, e por meio da rede pode-se tentar elaborar e modificar a memória da experiência ao reviver o sofrimento enquanto um sujeito capaz de lidar e elaborar, tendo-se uma consciência em relação ao trauma. Na sessão de casal/família, acessarão o sofrimento na presença de um outro (responsável, submetido, presente), permitindo que o sujeito acesse memórias afetivas e as compreenda, para lidar e atribuir novos significados.

O Rio Grande do Sul não será mais o mesmo

Anna Thereza Carneiro Pinto Abdala

Eneida Goetze Marques

Júlia Subtil Tussi

Maria Cristina Dick Flores

Paula Milman Bacaltchuk

Regina Zamith

Este trabalho tem como objetivo tecer considerações a respeito dos impactos e possíveis desdobramentos traumáticos nos indivíduos e famílias afetadas pela catástrofe da enchente de 2024, ocorrida no Rio Grande do Sul, assim como pensar sobre a construção dos novos vínculos, surgidos a partir das experiências de solidariedade e apoio. Na introdução, pontuaremos alguns dados sobre o estado. Para construir as ideias, adotamos o referencial da Psicanálise Vincular, pensando os eventos traumáticos enquanto acontecimentos e sobre estes conceitos, iremos ressaltar alguns aspectos. Será que toda esta situação pode ser pensada somente enquanto um intenso trauma? Relataremos alguns aspectos históricos sobre a enchente de 1941, visto que este de 2024 não é o primeiro desastre ocorrido no Rio Grande do Sul, ainda que tenha sido o de maior intensidade. Utilizaremos algumas imagens para fins ilustrativos. Em seguida, abordaremos a ideia da identidade, associada ao lugar e sentimento de pertencimento. Como tudo isto se desdobra em um cenário onde se perde a casa e tudo relativo ao local? Ainda vamos explorar as expressões cunhadas socialmente como “abobados da enchente”; “pés molhados”; “mentes alagadas”, as quais compreendemos ter significados representacionais importantes, além de pontuar nossos sentimentos e próprias experiências enquanto envolvidas nesta trama, deixando algumas indagações em aberto para seguirmos compartilhando e pensando sobre...

Os pactos denegativos nas famílias com vivências de violência sexual

Simone Paula Aparecida Rodrigues

Mary Yoko Okamoto

O objetivo desse estudo é compreender a história de famílias com crianças e adolescentes vítimas de violência sexual com foco nos pactos denegativos. Nesse contexto, tanto a violência como sua denegação representam um complexo problema de saúde pública, que justificam as pesquisas neste campo de trabalho. As situações traumáticas que não são reconhecidas pela sociedade ou instituições contribuem para a formação de criptas, à medida que exigem a não verbalização sobre certos fatos, os quais acabam tornando-se “impensáveis”. As criptas representam o enterro intrapsíquico de uma vivência vergonhosa e indizível, em torno de histórias inconfessáveis tais como as de homicídio, de incesto e violências diversas. Nesses casos, em nossa hipótese, os pactos denegativos nas famílias com vítimas de abusos, reforçam a dimensão do “não dito” ao longo das gerações, a fim de evitar a dor e a lembrança de humilhações sofridas, além de manter a unidade familiar. Um caso atendido em uma unidade de CREAS, pode ilustrar o presente conteúdo: Sofia, 11 anos, relatou na escola ser vítima de abuso sexual por seu pai há mais de 2 anos, tendo também referido que já havia revelado a violência para sua mãe, e que, ainda assim, os abusos não cessaram. Contudo, mãe e filha negaram os abusos, visando à preservação da família através da recusa deste conteúdo doloroso. Assim, é importante refletir acerca do sentido atribuído à preservação familiar às custas do ocultamento de uma violência cometida contra a filha do casal com o estabelecimento do pacto denegativo.

Percepção dos pais sobre a saúde mental dos filhos na pandemia

Aline de Oliveira Silva

Isabel Cristina Gomes

A pandemia de COVID-19 gerou desafios consideráveis à saúde mental, sendo as crianças especialmente vulneráveis dado o momento de desenvolvimento. Além disso, a parentalidade foi fortemente impactada, necessitando lidar com novos desafios e ajustes na dinâmica familiar. Assim, este trabalho tem como objetivo investigar a percepção dos pais sobre a saúde mental das crianças frente às mudanças desencadeadas pela pandemia de COVID-19. Decorrente de uma pesquisa de mestrado, de natureza qualitativa descritiva, da qual participaram 9 genitores (6 mães e 3 pais) de crianças entre 8 e 13 anos, das classes médias da população do Rio de Janeiro e São Paulo. A coleta de dados foi realizada por meio de questionário sociodemográfico e entrevistas semiestruturadas com roteiro pré-estabelecido. O material foi transcrito e analisado segundo a análise de conteúdo de Bardin (2016) e o referencial teórico da psicanálise. Os resultados evidenciaram três temáticas: “As mudanças desencadeadas pela pandemia na dinâmica familiar e na saúde mental das crianças”; “Concepções dos genitores sobre a saúde mental dos filhos e alterações percebidas na pandemia e pós-pandemia”; e “Recursos utilizados frente às mudanças da pandemia”. Os genitores identificaram mudanças classificadas como “positivas” e “negativas” na dinâmica familiar, abordando os impactos na conjugalidade, parentalidade e sua relação com a saúde mental infantil. Dentre os recursos mobilizados, destacam-se ferramentas escolares, estruturas de condomínios, resiliência, fratria e apoio familiar. O estudo permitiu compreender os impactos da pandemia na saúde mental infantil e familiar, além de agregar conhecimento para lidar com os resquícios deixados por essa crise global.

Repercussões da Pandemia nas relações familiares: um olhar sobre a psicoterapia de família

Jaqueline Moraes

Terezinha Féres-Carneiro

A Covid-19 surgiu na China e rapidamente atingiu o mundo, tornando-se uma pandemia com consequências aterrorizantes. O isolamento social - necessário para conter o contágio - potencializou o medo e favoreceu o desenvolvimento de transtornos na saúde mental da população. Diante do novo cenário, o presente trabalho buscou compreender os impactos da Pandemia de Covid-19, nas relações familiares, em famílias atendidas, no Serviço de Psicologia Aplicada de uma universidade do Rio de Janeiro. Para isso, desenvolvemos uma investigação clínico-qualitativa centrada em sessões de psicoterapia de família com sete famílias, pertencentes aos segmentos médio-baixos e baixos da população carioca, de múltiplas configurações familiares, com filhos com idades entre seis e 29 anos coabitando o mesmo espaço. Os resultados parciais foram analisados de acordo com o método de análise de conteúdo na sua vertente categorial. Do material emergiram algumas categorias que serão discutidas neste trabalho. Os resultados parciais mostraram que a convivência acentuada, em razão da necessidade do confinamento, agudizou muitas questões nas relações entre pais e filhos, contudo, promoveu mais tempo compartilhado, e estreitou os vínculos entre eles. Os resultados parciais também evidenciaram a transição do atendimento presencial para o remoto, e as especificidades desse formato. Concluimos que a rede familiar precisou construir formas de cuidado para proteger seus membros e as mudanças no setting demandaram a adaptação do manejo terapêutico, visto que o formato online se instaurou de forma permanente na prática clínica.

Ruído do Silêncio: para além do não-dito

Elisa Teixeira

Margarete Bianchi

Tomando por base o livro *A Ilha das Árvores Perdidas* da autora turca Elis Shafak propomos discutir a transmissão transgeracional e cultural a partir da ideia apresentada na obra de que a história da filha do casal poderia se constituir como uma folha em branco. A narrativa é apresentada por uma Figueira que testemunha a história de amor entre Kostas, grego e católico, e Defne, turca e muçulmana na ilha de Chipre no período que antecedeu a invasão turca em 1974. As marcas indeléveis da guerra no casal perpetuaram-se na migração para Inglaterra e na subsequente transmissão operada por segredos, vergonha e silêncios denunciados a partir de um episódio ocorrido na escola com a filha. Como nos informa Kaës, aquilo que é transmitido e o que constitui a pré-história do sujeito não é somente o que falado, mas também o que se herda por meio do que não pode ser contado, aquilo que não está acessível à memória, mas está inscrito no psiquismo familiar e será transferido às gerações posteriores. Neste caso, assim como em muitas famílias, o fantasma do passado traduzido na ausência da memória familiar e em silêncios adoecidos pôde ser rompido por Ada, filha do casal, a partir de uma viagem às origens dos pais, recompondo a historicidade familiar e dando sentido a tristezas, lutos e perdas silenciadas.

Transmissão Psíquica Transgeracional e a Herança de uma Feminilidade Subserviente: Um Estudo de Caso Clínico

Danielly Passos de Oliveira

Este trabalho parte de um caso clínico para considerar os efeitos da transmissão psíquica transgeracional sobre o psiquismo de uma cadeia geracional de mulheres: uma bisavó, uma avó, uma mãe, uma filha. Nesse grupo familiar, transmitiam-se fortemente resquícios de vivências traumáticas da feminilidade. O elo que unia, desde a bisavó de 95 anos até a bisneta de 12, era composto pelo auto sacrifício e pelo sentimento de inferioridade. Considerando que, na transmissão psíquica transgeracional, passam de uma geração à outra restos, marcas, vivências que excederam a capacidade de simbolização dos psiquismos, conteúdos psíquicos que não puderam ser transformados, percebemos nesse conjunto de mulheres, a transmissão de uma feminilidade subserviente e desesperançada. A recomposição, na clínica, de uma narrativa familiar perdida nos conduziu a seguir os passos da bisavó (que sonhava ser professora, mas foi impedida de estudar, e obrigada a se casar adolescente) em direção à avó (que renunciou à vida profissional para cuidar da família e era acometida por graves quadros psicossomáticos), passando pela mãe (uma advogada de sucesso que só conseguiu se separar do marido violento quando a violência atingiu seus filhos) e chegando na filha (que vivia numa busca perpétua de ser a melhor em tudo para “merecer” ser amada). O estudo deste caso nos permite perceber como, apesar das mudanças sociais trazidas pelo feminismo, mulheres contemporâneas continuam atravessadas pelo modelo tradicional da feminilidade.

Trauma, transgeracionalidade e o que resta das famílias operárias da Vila São José

Daniel Franco

Fernando Maia da Cunha

Ícaro Reis

A proposta é de uma viagem no tempo, um mapeamento sensível, uma visita à antiga Vila São José, apêndice da fábrica de tecidos que levava o mesmo nome, localizada na cidade de Fortaleza e em atividade durante todo o século XX. Nesse giro, encontramos um importante recorte da condição do povo cearense, representado por uma massa de pessoas anônimas e invisibilizadas, silenciadas por suas próprias origens: trabalhadores da indústria têxtil, retirantes fugitivos dos traumas da herança da seca e da escassez, conservando em movimento o mecanismo do êxodo rural. Como dar corpo a essas recordações? Como essas pessoas querem ser lembradas? Como lhes garantir voz e lugar? Trabalho-Sobrevivência é o que parecia trazer sentido a essas vidas do espaço operário, ao mesmo tempo em que essa realidade evidencia até hoje as cicatrizes emocionais carregadas ao longo de décadas, responsáveis por moldar as gerações futuras. Percorremos os fios de suas lembranças, resgatando, juntando, mas também separando. Como resultado, temos uma colagem de vozes que simultaneamente revelam e ocultam histórias, refletindo a complexidade própria do que é uma memória coletiva. O conflito está posto, mas não deve ser inocente. Não se trata simplesmente do enredo do patrão contra o empregado, ou o seu contrário, mas de tensionar o porquê de uma estrutura como essa - fábrica, vila etc. - existir. Em nome de quais interesses esse 1 século de história conseguiu sobreviver? A apresentação será acompanhada da exibição de registros fotográficos da instalação “Colher as sementes ao sol do meio-dia. Memórias operárias na Fábrica São José”, desses mesmos três autores, atualmente em exposição no Museu da Fotografia de Fortaleza, dentro da mostra “Paisagens do invisível, Poéticas de si”. Com esse trabalho, renovamos a aposta de que as imagens falam e as fotografias, material privilegiado do nosso processo, produzem narrativas, ficções, permitindo assim recuperar memórias que antes estariam enterradas, encobertas pelo véu de defesas como a negação e a cisão e animadas pelos efeitos insalubres de uma transmissão psíquica do tipo transgeracional. Ao resgatar memórias invisíveis, nossa proposta busca não apenas lembrar, mas também transformar em voz o que antes era silêncio, dando lugar àqueles que foram ocultados pela história oficial.

Traumas e dramas na família: reflexões sobre processos com alegações de alienação parental

Michelle Joanny Zompero Santos

Maíra Bonafé Sei

O divórcio implica numa reorganização do exercício parental, exigindo maior flexibilização por parte do casal parental a despeito do rompimento do relacionamento afetivo/conjugal pré-existente. Entretanto, nem sempre esse processo se configura como uma atividade fácil de ser realizada, resultando em discordâncias, não raro, levadas ao judiciário. A partir desse panorama, objetiva-se refletir sobre a dinâmica de famílias com processos com alegações de alienação parental. Para isso, realizou-se uma pesquisa documental junto a uma comarca do centro-oeste, com a leitura integral de sete processos nos quais constavam tais alegações. Por meio da análise de conteúdo, nota-se que dificuldades de comunicação, para adaptação à nova estrutura familiar, não aceitação e/ou adversidades na administração das novas funções parentais a serem desempenhadas. A comunicação via Whatsapp constantes nos autos expressaram o presente 'estado de irritação', que consiste no forte sentimento de intolerância ou de não concordância ao que provém do outro. Demonstrou, ainda, o quanto as 'convicções' parentais podem assumir a regulação do funcionamento familiar, impondo uma relação com pensamento unidirecional, assumindo linguagem agressiva ou colocando os filhos em lugares impossíveis, tornando as dinâmicas familiares conflituosas e repleta de discursos paradoxais. A contínua exposição a esse funcionamento familiar pode ter efeitos cumulativos e traumáticos para os familiares envolvidos, com prejuízos à capacidade de percepção, simbolização e vinculação. Entende-se ser relevante a compreensão acerca de tal dinâmica, de maneira a se avaliar e intervir nos vínculos estabelecidos, minimizando problemáticas futuras, seja nesta geração ou naquelas que ainda estão por vir.

Uma discussão psicanalítica sobre a função porta-crypta e suas ressonâncias na conjugalidade

Juliana Beatriz Ferreira de Souza

Isabel Cristina Gomes

A conjugalidade consiste em um compartilhamento psíquico, entre os parceiros, de conteúdos referentes aos modelos relacionais ligados às famílias de origem de cada um, mas também à possibilidade de uma construção inédita a partir deste encontro (KAËS, 2014; OLIVEIRA, 2014). Em alguns casos, a escolha pelo cônjuge associa-se à manutenção de sintomas e alianças inconscientes defensivas, revelando a influência de conteúdos herdados geracionalmente (KAËS, 2014), e dos lugares ocupados na dinâmica familiar. Partindo de uma pesquisa de mestrado finalizada em 2021, pretende-se discutir sobre a função de porta-crypta desempenhada por um dos parceiros em sua família de origem e as ressonâncias desse lugar na conjugalidade estabelecida. Para tanto, a história de Kate e Toby do seriado televisivo *This is us* foi tomada como um caso clínico e analisada a partir da Psicanálise de Casal e Família. Considerando a dinâmica familiar de Kate e os apontamentos de Granjon (2000), Kaës (2001;2014) e Trachtenberg (2017), observamos uma transmissão transgeracional do sintoma de adicção, de não ditos, de traumas, de algo encriptado e não elaborado por seu pai. Ela carrega as cinzas desse pai falecido, preservando sua imagem idealizada e mantendo-o vivo. Assim, a consideramos como aquela que porta a crypta do pai e dos segredos que ele enterrou em vida (KAËS, 2011; TRACHTENBERG, 2017). Portanto, esses conteúdos não podem vir à tona na relação com o parceiro, configurando um pacto inconsciente perpassado por não ditos e sintomas, como o pactuado por seus pais, funcionando como uma repetição de conteúdos transgeracionais.

Vínculos fraternos e trama fantasmática nos processos de sucessão

Ana Cassia Fruett

Carmen Ackermann

Lana Trigueiro

Maria Josilene Bezerra Mota

Raissa Rabelo Marques

Regina Telma Vasconcelos de Araujo

Trabalharemos a trama imaginário-simbólica presente nos vínculos fraternos diante da sucessão decorrente da morte dos genitores. Na clínica familiar vem se tornando frequente o motivo de consulta ser o conflito fraterno, a briga entre irmãos devido a questões de herança, ou empresas familiares arrolada nos bens a serem repartidos. Em um primeiro momento, há um abalo da trama fantasmática vincular, momento propício para o surgimento de conflitos e atuações diversas. Em certos grupos familiares explodem afetos violentos que marcaram o vínculo. Velhas contas não resolvidas aparecem e feridas não curadas vêm à tona, favorecidas pela desestabilização da trama fantasmática. A herança, muitas vezes é um fardo pesado que recai sobre os herdeiros; o valor subjetivo do objeto a ser herdado é muitas vezes enigmático para o próprio herdeiro, expondo falhas na instauração da Lei, na constituição dos lugares desde a história transgeracional. A partir do artigo “De herederos y de herencias” Silvia Gomel considera que morte dos pais constitui uma perda real a ser processada, no entanto, há mais do que um luto a elaborar visto que antecipa uma novidade: aquela não será mais a mesma família. A divisão dos bens marca a morte simbólica de um tempo que não volta. Para elaborar o luto, não basta a morte biológica, necessita da morte simbólica, institucional: é preciso abrir o inventário e dividir os bens. A elaboração do luto se torna mais tolerável quando predomina a representação de um tempo irreversível que dê espaço à chegada do novo, outorgando-lhe um papel construtivo.